



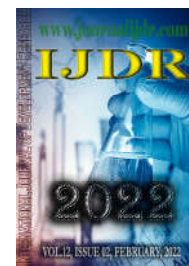
ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 12, Issue, 02, pp. 53726-53731, February, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23867.02.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

PORTUGUÊS TIKUNA E A VARIAÇÃO NO ÂMBITO MORFOSSINTÁTICO: UM ESTUDO A PARTIR DA FALA DE PROFESSORES TIKUNA

***Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio**

UFAM/FAPEAM

ARTICLE INFO

Article History:

Received 06th November, 2021

Received in revised form

17th December, 2021

Accepted 21st January, 2022

Published online 20th February, 2022

Key Words:

Contato Linguístico; Aquisição de Segunda Língua; Variação; Português Tikuna; Fenômenos Morfossintáticos.

*Corresponding author:

Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio

ABSTRACT

O contato dos Tikuna com os não-indígenas falantes de português foi registrado, de forma pontual, no século XVII, mas fora intensificado na segunda metade do século XIX e, até a atualidade, tem contribuído para a formação de uma variedade específica de português falada pelos Tikuna como segunda língua. Além de se manifestar na modalidade oral, essa variedade específica também se manifesta na modalidade escrita. No entanto, neste artigo, voltamos nossa atenção à modalidade falada e temos como objetivo principal analisar em que medida a estrutura da língua Tikuna exerce influência na variedade de português falada por professores da educação básica, indígenas Tikuna, moradores de aldeias pertencentes ao município de São Paulo de Olivença, no Amazonas. Além disso, investigamos também se essa variedade envolve questões outras, como aquelas relacionadas a universais de aquisição de segunda língua, aquelas que dizem respeito a condicionamentos também utilizados por falantes de português de outras variedades de português indígena do Brasil, ou ainda, por outras variedades utilizadas por falantes nativos de português do Brasil (doravante PB). Para alcançar o objetivo, foram analisados dados de fala de vinte e três professores Tikuna, partindo-se da seleção de fenômenos linguísticos que englobam aspectos morfossintáticos dessa variedade. Os resultados apontam que o contato com falantes nativos de PB tem culminado em uma variedade do português indígena Tikuna que apresenta, predominantemente transferência da L1 no nível estudado, isso porque, segundo nossa análise é a gramática da Língua Tikuna que permite essa variação. Não negamos, contudo, que a essa possibilidade se unem aspectos ligados aos universais de aquisição de segunda língua. Identificamos também replicação dos condicionamentos conforme aqueles utilizados por falantes nativos do PB. O registro e a caracterização dessa variedade indígena têm a intenção de contribuir para a descrição do conjunto de variedades de português indígena falado na região Norte do Brasil.

Copyright © 2022, Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. "Português tikuna e a variação no âmbito morfossintático: um estudo a partir da fala de professores tikuna", *International Journal of Development Research*, 12, (02), 53726-53731.

INTRODUCTION

Este trabalho tem o objetivo de investigar os fatores que determinam a ocorrência de fenômenos morfossintáticos na variedade de português resultante do contato Tikuna-Português na região do Alto Solimões, no Amazonas. Para tanto, analisamos dados de fala registrados nas entrevistas feitas com vinte e três professores Tikuna que lecionam em comunidades indígenas pertencentes ao município de São Paulo de Olivença, localizado na mesorregião do Alto Solimões, no Amazonas. Hoje, na maioria das escolas situadas em comunidades indígenas Tikuna, a alfabetização é realizada em Tikuna e, a partir do quinto ano, há a inserção do ensino de português, o qual perdura até o último nível de ensino que for ofertado na escola da comunidade.

É nesse segundo código que, majoritariamente, os indígenas se comunicam com falantes nativos de português brasileiro. Por meio desse código, procuram interagir nas aulas que ocorrem nas zonas urbanas em que o português figura como língua de instrução ou na própria comunidade, quando os professores são falantes monolíngues de português. Fora do ambiente escolar, usam esse código para defender e exigir seus direitos, estabelecer relações comerciais, entre outras atividades. Diante disso, parece-nos importante que as formas que assumem essa realidade linguística indígena sejam conhecidas para que sejam utilizadas em proveito das comunidades Tikuna, por exemplo, no que se refere a políticas linguísticas e a projetos de ensino de português como segunda língua, tanto em comunidades indígenas quanto nas áreas urbanas, para onde ocorre o deslocamento dos indígenas, por diversos motivos, dentre os quais podemos citar: dar prosseguimento aos estudos, seja no ensino médio ou superior,

realizar acompanhamento médico, tratar de assuntos nas agências bancárias, lotéricas, prefeitura, cartórios, correios, além de outras instituições localizadas apenas nas áreas urbanas. Além disso, se levarmos em consideração o preconceito local que sofrem os indígenas Tikuna por conta de o seu falar português ser acompanhado por influências melódicas, fonéticas e estruturais nativas e, em se considerando que esse preconceito é ratificado nacionalmente, estereotipado como traço da identidade étnica indígena, é que esse objeto de estudo se justifica. Nesse sentido, com o intuito de explicar as possíveis motivações para as ocorrências de fenômenos morfossintáticos em variação na fala dos professores bilíngues participantes da pesquisa, neste artigo, apresentamos algumas noções sobre a morfologia e a sintaxe em Tikuna para, com base na estrutura dessa língua, apresentarmos nossa análise quanto a alguns aspectos morfossintáticos na variedade do Português Tikuna.

Sobre a Morfologia e a Sintaxe em Tikuna: No que diz respeito à familiaridade linguística, Soares (2017) atesta que a língua Tikuna ainda é considerada isolada, não tendo nenhuma relação de parentesco com outra língua indígena (classificação que coaduna com a de Rodrigues, 1970 e Nimuendajú, 1952). A língua Tikuna é, tipologicamente, nominativo-acusativa. A ordem dos constituintes maiores de uma sentença é flexível, e a ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) permite que se fale em vinculações em Tikuna e, especificamente, de vinculações e ordem SVO (Cf. SOARES, 1992a; 2000). Devido à flexibilidade em relação à ordem de palavras em Tikuna, um modo de se chegar a uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença é o seguinte: na língua Tikuna, os constituintes são ordenados segundo um parâmetro estrutural ou segundo uma variada manifestação casual. No que diz respeito ao parâmetro estrutural básico, este é núcleo final e se manifesta com predicação, atribuição de papéis temáticos e casos estruturais à esquerda. Já a manifestação casual inclui os casos estruturais (nominativo e acusativo), os casos morfológicos, casos via cadeia com clíticos e casos via modificação do verbo. Quanto aos casos estruturais, o nominativo se manifesta via concordância. Na análise de Soares (1992a, 2000), a concordância em Tikuna é entendida como manifestação da relação de predicação, e não como algo que está contido em Flex. Já o caso acusativo ocorre via regência pelo verbo e pelas posposições e adjacência a esses regentes.

Ainda conforme Soares (1992a, 2000), os casos não-estruturais mencionados acima têm a sua presença na língua Tikuna vinculada ao rompimento da ordem estrutural. Por exemplo, os casos via modificação do verbo, ou seja, a marcação da diátese verbal, se manifestam com a presença de marcas de objeto direto interno. Tais casos podem sofrer uma redução ao mecanismo anterior ocasionada por conta da possível incorporação do clítico ao verbo. Além da distinção entre um parâmetro básico estrutural e uma manifestação casual variada, a língua Tikuna também apresenta uma distinção entre o que é o predicado e o que é o adjunto. Quanto aos adjuntos, estes são gerados na base e as estruturas em adjunção abarcam sintagmas nominais posicionados após o núcleo, ‘adjetivos’, orações ‘relativas’, sintagmas ‘adverbiais’ não-argumentais. A diferença entre o caráter argumental e o caráter adjuntivo de um constituinte tem um papel restritivo sobre a ordem, tendo em vista que é desse caráter que um constituinte pode retirar o seu ordenamento em relação ao núcleo, que é o atribuidor de função temática. Em relação ao verbo em Tikuna, Soares (1992a, 2000) atesta que a existência de modificações na forma verbal faz com que o verbo funcione como uma fronteira na língua, tendo em vista que um argumento interno não é simplesmente posicionado à direita do verbo. Há, também, a íntima ligação entre o verbo e a frase nominal complemento. Dito de outro modo, em Tikuna, há uma relação entre os elementos constitutivos do sintagma verbal no seu nível mais básico, isto é, a íntima ligação existente entre O e V. O que comprova isso é o uso de marcas morfológicas que, posicionadas fora do SV, readquirem sua autonomia e, por conta disso, são consideradas como posposições e não como afixos, como é o caso quando essas marcas ocorrem dentro do SV. Ainda em relação ao verbo, Soares (1992a, 2000) revela que o fato de existirem modificações na forma do verbo e o de haver íntima conexão entre O e V indicam que o verbo é o elemento que tem o papel de permitir e

limitar certos comportamentos sintáticos. Isso quer dizer que o verbo, além de ser fronteira na língua, também é o núcleo da sentença, e é do núcleo que se originam certas informações e que, conseqüentemente, poderão ser acrescidas outras. A sintaxe Tikuna, tal como foi analisada e apresentada por Soares, tem as suas principais questões relacionadas à teoria do Caso.

Em Tikuna, há o tópico sentencial morfologicamente marcado, posicionado na margem esquerda da sentença. Além do tópico, o Tikuna conta um sistema de clíticos e um sistema de marcação temporal bem particular. Isso porque os clíticos são comuns em línguas pro-drop, ou seja, em línguas em que o sujeito é omitido e é representado de forma abstrata por pro em orações finitas declarativas ou interrogativas. O Tikuna é uma língua pro-drop, no entanto, é preciso que sejam investigadas as categorias funcionais que funcionam como sítios de adjunção para os clíticos. Já em relação ao Tempo, ainda conforme Soares (1992a, 2000), em Tikuna, essa não é uma categoria funcional à qual os clíticos possam se adjungir, como ocorre, por exemplo, em grego e nas línguas românicas padrão, em que o Tempo tem sido considerado como uma das categorias funcionais às quais os clíticos se adjungem. Esses fatos em relação ao Tópico e ao Tempo apresentam implicações para a teoria gramatical. Quanto ao Tópico, a implicação diz respeito à assimetria entre sujeito e objeto; quanto ao Tempo, diz respeito ao seu estatuto categorial nas línguas naturais. Abordados alguns elementos acerca da morfologia e da sintaxe em Tikuna, passamos a apresentar aspectos morfossintáticos que caracterizam a variedade do português Tikuna.

Variação no âmbito morfossintático: um estudo com base na variedade de português falada por professores tikuna: Nesta seção, apresentamos resultados de um estudo que realizamos sobre o português Tikuna e que constaram em um capítulo da tese desenvolvida por nós. Os dados foram gerados a partir de entrevistas/relatos de vida realizados com vinte e três professores Tikuna. Ao todo, como parte das gravações utilizadas no trabalho, foram computadas nove (09) horas, quinze (15) minutos e trinta e seis (36) segundos de gravação, das quais foram extraídos os dados para descrição e análise, que apresentaremos a seguir.

Não uso do Verbo: Um dos fenômenos que registramos em nosso corpus foi a omissão de verbos de ligação ou que indicam ação. Esse fenômeno foi registrado apenas nas faixas que identificamos como de baixa e média fluência:

- a) porque as professora[ø] que estudei daqui do município. (B.S.G./56. FEM.)
- b) do[j] mil e três fazendo segunda séria. (H.A.R./38. MASC.)
- c) ... aí primeiro ano já pra cá. (H.Z.M./34. MASC.)
- d) ... eu trabalhando hoje. (M.F.C./41. MASC.)

Em Tikuna, a construção do SV que expressa a ideia de uma ação progressiva se manifesta por meio do morfema aspectual (i-), que é acrescido antes do prefixo pessoal subjetivo e se manifesta na margem esquerda do verbo, conforme exemplo que reproduzimos abaixo:

Tchama rü i- tcha-wiyae ‘eu estou cantando’
 1PS TÓPICO PROG- 1PS-cantar
 (cf. tcha-wiyae ‘eu canto/cantei)

Como se pode ver, diferentemente do português, em que, para expressar a ocorrência de uma ação de forma progressiva, o SV é composto por um verbo auxiliar e um verbo principal no gerúndio, em Tikuna não há SV composto por auxiliar e verbo principal. A ação progressiva é manifesta por meio da inserção do morfema aspectual (i-) no verbo.

Essa diferença entre os padrões estruturais do português e do Tikuna pode, em nossa análise, favorecer a omissão do verbo de ligação em sentenças produzidas em português, como em b e d, uma vez que a expressão de progressão já se fez presente no verbo principal, acrescentando-se o sufixo -ndo.

Quanto à omissão de verbos como nas sentenças a e c, esta se apoia no preenchimento de informação favorecido pela oralidade e pelo auxílio de gestos, que podem, facilmente, ajudar na recuperação da informação omitida.

Variação na Marcação da flexão de Número nos Sintagmas Nominais: Na língua Tikuna, a indicação de número que expressa a quantidade “mais de um” é feita por meio da partícula *gü*, que se posiciona à direita do nome (*oregü* ‘histórias’; *werigü* ‘pássaros’; *yatügü* ‘homens’; *ategacügü* ‘governos’).

Vejam, a seguir, exemplos de como ocorre a flexão de número no interior do sintagma nominal, em sentenças produzidas em língua portuguesa pelos participantes da pesquisa.

- a) nós somo[ø] cinco irmão[ø]. (B.S.G./56. FEM.)
 b)...e ficou dois cadeira[ø] efetiva[ø] agora. (J.M.G./40. MASC.)
 c)... aí que eu tô conseguindo trabalhando com as criança[ø]. (N.C.FR./28. FEM.)
 d)...as palavra[ø] que tá escrito na bíblia. (E.D.I./33. MASC.)
 e)... pra melhor educação na comunidades. (P. B.M./33. MASC.)
 f)... eles criavam os animais de vários tipos. (W.A.S./51. MASC.)

As sentenças acima foram extraídas da amostra de nossos dados, como exemplos que ilustram a variação de fala analisada por nós. Nessa amostra, constatamos que a marca explícita de plural ocorre: i) com elevada frequência, apenas no primeiro dos elementos flexionáveis do SN, como em c e d; ii) com baixíssima frequência, em todos os elementos flexionáveis do SN como em f; iii) com elevada frequência, em nenhum dos elementos flexionáveis do SN, quando antecedidos por um numeral que indica quantidade mais de um, como em a e b e iv) com raras ocorrências, no elemento à direita do SN, como em e. A concordância nominal é um fenômeno variável no PB e muitos estudiosos têm se debruçado sobre esse tema. Dentre os estudos que versam sobre a concordância variável de número entre elementos do sintagma nominal e que abarcam as variedades do português como L1, podemos citar, entre outros, os de Braga e Scherre (1976), Scherre (1978, 1994); Vieira e Brandão (2014). E, dentre aqueles estudos que abarcam as variedades do português como L2, podemos citar, entre outros, os de Fernandes (1996), Loureiro (2005), Baxter (2009), Lima e Silva (2011), Christino e Silva (2012), Brandão (2015) e Ribeiro (2018). Scherre (1994), no texto *Aspectos da Concordância de Número no Português do Brasil*, ilustra alguns exemplos de estruturas analisadas por ela em 1988 e obtidas por meio do banco de dados do Corpus Censo do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). A pesquisadora extraiu da amostra todos os sintagmas nominais plurais passíveis de variação não prevista pela tradição gramatical brasileira. Dentre as estruturas analisadas, há aquelas que se assemelham às produzidas pelos nossos participantes, conforme exemplificamos acima, com exceção do exemplo e.

De acordo com Scherre (1994), e de tantos outros estudiosos que se debruçam acerca da concordância nominal, as variedades populares do português brasileiro manifestam a tendência a marcar expressamente o número plural no(s) primeiro(s) elemento(s) do sintagma nominal. Portanto, o emprego da flexão de número no interior do sintagma nominal em sentenças realizadas pelos Tikuna no(s) primeiro(s) elemento(s) do sintagma nominal pode estar relacionado à maneira como eles estão aprendendo/aprenderam o português. Por outro lado, o exemplo 3.2 e, ainda que tenha sido raramente encontrado em nossa amostra, ilustra a existência da variação na concordância de número que apresenta marcas de flexão na posição à direita do nome determinado, diferentemente do padrão do PB, mas semelhante ao padrão Tikuna, conforme demonstramos no início da seção. Os dados presentes nos trabalhos de Amado (2015); Christino e Lima e Silva (2012); Christino e Silva (2017), que versam sobre as variedades de português indígena dos povos Timbira, Kaingang e Huni-Kuin, respectivamente, também apresentam a marcação expressa de plural apenas no elemento que se encontra mais à direita do sintagma nominal. Em todos esses trabalhos, as autoras consideram essa marcação como sendo uma forma peculiar de

expressão de concordância ligada às características estruturais das línguas indígenas, que apresentam a marcação de plural à direita, como é o caso da língua Tikuna também.

Varição na Concordância Verbal: Na língua Tikuna, a flexão que marca o número e a pessoa ocorre na margem esquerda do verbo, diferentemente do padrão morfológico do português, em que o morfema indicador de número e pessoa se manifesta na margem direita do verbo. Veja alguns exemplos em Tikuna.

Yeguma tchi – üé ¹	‘Naquele tempo eu embarquei’
naquele tempo	1PS. embarcar
Reinaldo airu ni-ma ²	‘Reinaldo matou o cachorro’
Reinaldo cachorro	3PS. matar

Nos dados analisados por nós, evidenciamos variação na marcação (ou não) da concordância verbal, conforme explicitamos a seguir.

No emprego da primeira pessoa do singular: Identificamos, nos dados de fala dos professores Tikuna, a variação na concordância verbal no emprego da primeira pessoa do singular, sendo recorrente o uso do pronome de primeira pessoa do singular acompanhado de forma verbal na terceira pessoa.

- a) ... pouquinho de minha história eu fala pra meu aluno. (J.M.G./40. MASC.)
 b)... por causa disso que eu desistiu. (B.S.G./56. FEM.)
 c) Eu fez um processo seletivo de novo aí passou. (J.O.C. 29/MASC.)
 d)... eu sempre fala na língua Tikuna. (E.A.L./29. FEM.)

Tal como ocorre com a concordância variável de número entre elementos do sintagma nominal, a concordância variável entre os elementos do sintagma verbal também tem sido objeto de vários estudos por pesquisadores brasileiros que investigam as variedades regionais e sociais do PB, sendo recorrente o estudo com as regras de concordância da primeira e terceira pessoa do plural e, menos recorrente, da segunda pessoa do singular. No Brasil, a regra de concordância de primeira pessoa verbal é tida como categórica (cf. Emmerich, 1984; Lucchesi e Baxter, 2009) e não tem sido alvo de muitos estudos, restringindo-se a pesquisas que versam sobre traços característicos de língua de contato, como, por exemplo, o de Emmerich (1984), que trata da língua de contato no Alto Xingu e os de Ferreira (1994) e Baxter & Lucchesi (1997), que identificam a existência de crioulização no português brasileiro. Em nosso trabalho, concebemos essa variação na concordância da primeira pessoa verbal, recorrente na fala dos professores Tikuna participantes de nossa pesquisa, como sendo motivada pela diferença entre o padrão morfológico entre as duas línguas. Além da variação no emprego da primeira pessoa do singular, mais presente em falantes de português como segunda língua ou língua estrangeira, também identificamos outras variações, estas também presentes em outras variedades de português, inclusive faladas como L1. A seguir, exemplificamos a variação encontrada em nossa amostra.

Com pouca ocorrência, identificamos variação verbal no emprego da primeira pessoa do plural:

- e)...nós tem dúvida. (H.Z.M./34. MASC.)
 f) nós vai seguir a caminho pra levar o futuro pra melhor educação. (P. B.M./33. MASC.)

Com baixa ocorrência, também identificamos variação verbal no emprego da terceira pessoa do plural:

- g)... não trabalha professore[ø] nossa língua. (A.C.A./43. MASC.)
 h) foi eles que me chamaram. (E.D.I./33. MASC.)
 i) os professore[ø] é de lá. (B.S.G./56. FEM.)
 j) essa dois língua[ø] é muito importante pra nós. (L.F.D./27. MASC.)

¹ Extraído de Soares (2000, p. 57).

² Extraído de Soares (2000, p. 26).

Essa baixa ocorrência no emprego de pessoas do plural pode ser explicada pelo fato de que não controlamos essa variável, além disso, muitos pontos de nossa entrevista se constituíam como relatos de vida, em que era mais utilizada a primeira pessoa do singular, ou seja, a pessoa que estava falando, falava, majoritariamente, em primeira pessoa.

Não marcação/distinção de tempo na forma verbal: Soares (2000, 2008) defende que em Tikuna, uma categoria como Tempo, que integra teoricamente o nódulo Flexão, é um dêitico que tem por escopo toda a sentença. Essa afirmação é mantida em Soares (2017), com a diferença de que o Sintagma Temporal (TP) é visto como operador, porém não fora da sentença. A manifestação do Tempo se dá por meio de constituintes que se encontram no interior da sentença, mas não no verbo. Conforme exemplificamos nas orações abaixo, na fala dos professores com os graus de fluência mais baixos, o verbo é, geralmente, flexionado no presente, pretérito perfeito e imperfeito, no entanto, o momento da ação não encontra correspondência nessas flexões. A correspondência do tempo da ação encontra correspondência no uso de itens lexicais agora, antes, desde pequeno, durante uns tempos. Em nossa amostra, também identificamos esses tempos sendo frequentemente neutralizados com a forma do infinitivo, como em d.

- a) ... isso é minha vida eu sempre ando no mato quando era mais... mas tem *nove ano[ø]* por aí (era/andava/tinha). (L.F.D./27. MASC.)
- b)... e *durante uns tempos* também não entende bem língua português... até agora eu tava querendo compreender melhor (entendia/ estou). (J.M.G./40. MASC.)
- c)... *ante[ø]* não sei agora já consegui pouco (sabia/consigo). (J.M.T./30. MASC.)
- d)... esse daí que minha madrinha co...colocar *no...no tempo de...desde pequeno*. (colocou) (F.A.D./56. MASC.)

Conforme Soares (2017), “não há evidências, no que poderia ser uma sentença encaixada, de engatilhamento de concordância com o tempo de uma oração matriz através de um mecanismo de identificação gramatical” (SOARES, 2017, p. 306). No que diz respeito ao Tempo em Tikuna, cabe enfatizar que, no interior da sentença, estão determinados elementos que estão no seu escopo, no entanto, esses elementos não estão no verbo e têm o seu alcance limitado à própria sentença. Em Tikuna, não há imposição de concordância temporal entre uma oração principal e uma oração complemento. Tal fato é compatível com a característica do Tikuna, de ser uma língua que não apresenta sequenciamento temporal (SOT). Orações com estruturas parecidas como as produzidas pelos participantes Tikuna são apresentadas por Souza e Amado (2011), em orações produzidas em Português Timbira. De acordo com as autoras, a ausência de formas verbais flexionadas no passado é frequente em Português Timbira e a marcação de tempo é estabelecida pelos advérbios. Emmerich (1984) também apresenta o registro com orações parecidas como as apresentadas acima, em orações produzidas em Português Xinguano. Conforme, a pesquisadora, para indicar noções de passado, ou ainda, de futuridade, o falante recorre ao uso de determinados itens lexicais, como antigo, já e amanhã. A morfologia verbal, nos dados de nossa amostra, apresenta reduções no seu aspecto modal, temporal e paradigmático e, no nosso entender, essa redução se dá por conta das diferenças entre os paradigmas verbais do Tikuna e do Português com as quais o falante em estágio aquisitivo precisa lidar.

Omissão ou uso Inadequado de Preposições: Além das variações que apresentamos acima, identificamos em nossa amostra outros exemplos que podem estar associados a uma tendência de uso de determinadas estruturas na segunda língua por conta da estrutura da primeira língua. Observamos, com bastante frequência, a omissão e o uso inadequado de preposições. Veja as sentenças abaixo.

Omissão de preposições:

- a) Vendaval é longe (da) cidade aí. (A.C.A./43. MASC.)
- b) Pergunta (para o/ao/pro) José Patrício, né? (F.A.D./56. MASC.)
- c) Eu nasci (em) Juí. (J.M.T./30. MASC.)

- d)... já me mandar (para) lá. (L.F.D./27. MASC.)
- e)...estudei (na) comunidade de santa [r]ita. (O.B.A./54. MASC.)

Uso inadequado de preposições

- a)... lá, eu estudei *dos* (com os) meus professores daqui do município. (B.S.G./56. FEM.)
- b)... comecei *de* meu estudo quando eu tô com nove ano[ø]. (N.C.FR./28. FEM.)
- c)...moramo[ø] *de* (por) muito tempo. (O.B.A./54. MASC.)
- d)... o pessoal não tem *pra* (de) onde tirar água. (L.F.D./27. MASC.)

Em Tikuna, conforme Soares (1992, 2000), no interior de sintagmas adverbiais, pode-se considerar a condição de posposição, sendo *gu* a posposição que assume a função de locativo (lugar dentro); *wa* também locativo (lugar em, para); *ca'* indica causa (por causa de) e *ma'*ã significa 'com'. Veja os exemplos abaixo:

napa i weawa 'na rede velha'
3p.-rede x velha-locativo
guma berureca' 'por causa daquela abelha'
dêitico abelha-por

Tendo em vista a diferença estrutural quanto ao uso de preposições em sintagmas adverbiais na língua portuguesa e o uso de posposições em sintagmas adverbiais em Tikuna, é possível que o falante Tikuna, ao produzir sentenças em português que demandem o uso de preposições, apresente uma certa hesitação, ora omitindo a preposição, ora usando-a de forma indevida.

Ordem Sintática - Svo E Variações: Conforme já elucidamos na seção 2 deste artigo, a ordem dos constituintes maiores de uma sentença em Tikuna é flexível, e a ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) permite que se fale em vinculações em Tikuna e, especificamente, de vinculações e ordem SVO. Tendo em vista a flexibilidade em relação à ordem de palavras em Tikuna, um modo de se chegar a uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença é o seguinte: na língua Tikuna, os constituintes são ordenados segundo um parâmetro estrutural ou segundo uma variada manifestação casual. No que diz respeito ao parâmetro estrutural básico, este é núcleo final e se manifesta com predicação, atribuição de papéis temáticos e casos estruturais à esquerda. Já a manifestação casual inclui os casos estruturais (nominativo e acusativo), os casos morfológicos, casos via cadeia com clíticos e casos via modificação do verbo. Veja, abaixo, exemplos de orações produzidas em Português pelos participantes da pesquisa em que há a manifestação de diferentes ordens em relação aos constituintes da sentença.

- a) ...eles criavam os animais de vários tipos... naquele tempo (SVO) – (W.A.S./51. MASC.)
- b)... não trabalha professore[ø] nossa língua (VSO) – (B.S.G./56. FEM.)
- c)... pra tempo pagar do professore[ø] do povo me[ø]mo daqui (VOS) – (A.C.A./43. MASC.) 'naquele tempo o povo daqui mesmo pagava os professores'

Em Tikuna, a ordem sintática básica é SOV, no entanto, dada a flexibilidade na ordem dos constituintes, também é possível que sejam produzidas sentenças em Tikuna nas ordens SVO e OVS. Essa flexibilidade pode se refletir na forma como algumas frases em Português são ditas pelos falantes Tikuna, inclusive, apresentando outras ordens de constituintes, conforme ilustramos nas sentenças a, b e c acima. A sentença a, que segue a ordem SVO é semelhante a sentenças comumente utilizadas por falantes nativos de PB, no entanto, a sentença b não é tão comum na fala de nativos de PB, mais incomum ainda é a sentença c.

Criação de flexão com acréscimo De – S: Conforme explicitamos na seção 2 deste artigo, na análise de Soares (1992a, 2000), a concordância em Tikuna é entendida como manifestação da relação de predicação, e não como algo que está contido em Flex,

diferentemente do padrão estrutural do português. Essa diferença pode contribuir para que alguns falantes Tikuna, na tentativa de adaptar ao padrão da L2, empreguem a flexão com acréscimo de –s em itens lexicais que não necessitam de tal sufixo, causando a hipercorreção, conforme exemplificamos a seguir.

- a) quatro ano[ø] estuda aí *formás* e *terminas* ensino médio. (F.A.D./56. MASC.)
 ‘estudei quatro anos, aí formei e terminei ensino médio’
 b) lá que eu *aprendeus* vários coisas. (M.F.C./41. MASC.)
 c) agora vou falar um pouco a vida da minha comunidades. (P. B.M./33. MASC.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, ao registrarmos e analisarmos alguns fenômenos morfossintáticos presentes na fala dos professores Tikuna participantes de nosso estudo, os resultados apontam para o fato de que esses fenômenos constituem uma variedade que apresenta características peculiares, intimamente ligadas à língua materna dos Tikuna. Ao lado dessas características peculiares, como em todo processo de aquisição de segunda língua, também identificamos o uso de estratégias relacionadas a universais de aquisição e à replicação de condicionamentos semelhantes àqueles utilizados por falantes nativos de português. Essa variedade precisa ser conhecida, valorizada e levada em consideração quando se pensa em ensino de português como segunda língua para os Tikuna, tendo em vista que as estratégias utilizadas para o ensino de uma segunda língua são diferentes daquelas usadas para o ensino de primeira língua para falantes nativos. Também é preciso considerar que os falantes Tikuna que usam português como segunda língua realizam estratégias comuns a qualquer aprendiz de L2 e não devem, portanto, ser considerados menos inteligentes ou incapazes. O estudo que elegemos realizar de como os Tikuna falam e por que falam dessa forma foi motivado pela busca por provar que aquilo que é tido como “não saber falar bem o português” tem explicação no fato de que a primeira língua exerce influência sobre a fala em português desses indivíduos e não por incompetência ou dificuldade de aprendizado, como muitas vezes, a escola e os meios de comunicação de massa querem nos fazer acreditar.

REFERÊNCIAS

- AMADO, R.S. O português étnico dos povos Timbira. *PAPIA*, São Paulo, 25(1), p. 103-119, Jan/Jun 2015.
- ANDERSON, L. Ticuna vowels with special regard to the system of five tonemes. *Série linguística especial 1*. Rio de Janeiro: Publicações avulsas do Museu Nacional, 1959, p.76-119.
- _____. The structure and distribution of Ticuna independent clauses. *Linguistics 20*, Paris, Mouton & CO, 1966.
- BAXTER, A. N. & LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 19, mar.1997.
- BAXTER, A. N. A Concordância de Número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; e RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p. 269-293, 2009.
- BENDAZZOLI, S. *Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores ticunas no Alto Solimões*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. A Concordância de Número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: *Encontro Nacional de Linguística*, 1, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: PUC, p. 464-477, 1976.
- BRANDÃO, S. F. Concordância Nominal em três Variedades do Português: Resultados Gerais, Novas Indagações. *Cuadernos de LA ALFAL*, N. 7, p. 36 – 52, 2015.
- CAMPBELL, L. Classification of the Indigenous Languages of South America. In: L. Campbell & V. Grondona (eds.) *The Indigenous Languages of Latin America*. Mouton de Gruyter, 2012.
- CARVALHO, F.O. On the genetic kinship of the languages Yuri and Tikuna. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*; 1 (2), 2009, p. 247-268.
- CHRISTINO, B. Gender agreement in Huni-Kuin Portuguese noun phrases. *PAPIA*, São Paulo, 25(1), p. 77-102, Jan/Jun 2015.
- _____; LIMA E SILVA, M. Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang. *PAPIA*, 22(2), p. 415-428, 2012.
- _____; SILVA, A. M. A expressão de plural em Português Huni-Kuin: um exame dos sintagmas nominais. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 30-45, janeiro-junho 2017.
- DETTONI, R.V. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2003. 256p.
- EMMERICH, C. *A Língua de Contato no Alto Xingu*. Origem, Forma e Função. *Tese de Doutorado em Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1984.
- FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 1996.
- FERREIRA, C. da S. Remanescentes de uma falar crioulo brasileiro. Diversidade do português do Brasil. *Estudos da dialetologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático, Universidade Federal da Bahia, 1994.
- FREIRE, J. R. B. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- _____. Da "fala boa" ao português na Amazônia brasileira. In: *Ameríndia*, n° 8, 1983.
- GREENBERG, J. H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- HOLM, J. *Languages in contact, the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HÜTTNER, E. *A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: Os Ticuna da Amazônia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- KAUFMAN, T. Language history in South America: what we know and how to know more. In: PAYNE, D. L. *Amazonian Linguistics*. Studies in Lowland South American Languages. Austin: University of Texas Press, 1990.
- LIMA, J. L. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. *Sínteses*. V. 13, 2008.
- LOUREIRO, F. C. *Aspectos da Pluralização no Português de Contato do Alto Xingu*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- LOWE, I. Tikuna phonemics. SIL, Arquivo do Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ, 1960a.
- MARCOY, P. Viagem pelo rio Amazonas. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 2. ed. Manaus: EDUA, 2006.
- NIMUENDAJÚ, C. Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas/Curt Nimuendajú. São Paulo Ed. Loyola, 1982.
- _____. The Tukuna. Trad. William D. Hohenthal. Bekerley: University of California Press, 1952
- RIBEIRO, C. M. R. *Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no português de Oiapoque/AP*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- RODRIGUES, A. D. Aspectos da História das Línguas Indígenas da Amazônia. Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Publicado em Simões, M. do S. (org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2003. pp. 37-51.
- _____. Línguas ameríndias. *Verbete Língua da Grande Enciclopédia Delta Larousse*, v. 9, 1970.
- RODRÍGUEZ, M. E. M. Género, clasificación y nombres ligados en tikuna (Amazonia colombiana). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Volume 6, Número 1, Julho de 2014.
- _____. Sobre las formas personales en las familias Tikuna-Yuri, Sáliba-Piaroa (y Andoke). Parentesco, contacto o tipología. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, p. 67-90, 2013.
- _____. Vers une tonologie de la langue ticuna. *Mémoire de D.E.A.* Paris: Université Paris VII, 1987.

- SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em Português*. Dissertação (Mestrado) PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- _____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.
- SOARES, M.F. Traços acústicos das vogais em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), CAMPINAS*, n. 07, p. 137-175, 1984.
- _____. A análise de Tempo em Ticuna (Tikuna) revisitada: questões sobre anáfora temporal e sequenciamento temporal. *Revista Linguística*, volume 13, número 2 [Gramática Gerativa: celebrando os 60 anos de Syntatic Structures (1957-2017)/ Generative Grammar: celebrating the 60th anniversary of Syntatic Structures (1957-2017)], p. 290-312, Julho 2017.
- _____. A preliminary survey of Tikuna syntax. *SIL*, Arquivo do Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ, 1960c.
- _____. Tikuna noun and verb morphology, *SIL*, Arquivo do Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ, 1960b.
- _____. Alguns Processos Fonológicos em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), CAMPINAS*, v. 10, p. 97-138, 1986.
- _____. Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. (org.). *Discurso indígena: a materialidade da língua e o movimento da identidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 45-138, 1991.
- _____. Marcação de caso e a atribuição de caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), CAMPINAS*, v. 18, p. 79-114, 1990.
- _____. O suprasegmental em tikuna e a teoria fonológica. Vol. I : *Investigação de aspectos da sintaxe tikuna*. Vol. II : *Ritmo*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1992.
- _____. O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica. V.1. *Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.
- SOUZA, J. C.; AMADO, R.S. Português como Segunda Língua entre os índios timbira: elementos dificultadores na aquisição verbal. *Estudos Linguísticos*, 40 (2), 2011. p. 595-602.
- VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de Regras Linguísticas e Estatuto das Variedades/Línguas: a Concordância em Português. *Linguística*, v. 30 (2), p. 81-112, 2014.
